

ENTRE LETRAS E GRADES: A PRODUÇÃO DE RAP E OS PROCESSOS REFLEXIVOS EM CONTEXTOS SOCIOEDUCATIVOS

BETWEEN LYRICS AND BARS: RAP PRODUCTION AND REFLECTIVE PROCESSES IN SOCIO-EDUCATIONAL CONTEXTS

Arlindo Alves de Aguiar Júnior
PPGARTES-UFPA
Robson Alves Rodrigues
PPGARTES-UFPA

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa-ação realizada em 2022 com adolescentes em privação de liberdade na Unidade de Atendimento Socioeducativo 1 (UASE 1), em Ananindeua (PA), vinculada à Escola Estadual Professor Antônio Carlos Gomes da Costa. A experiência envolveu oficinas de rap com quinze estudantes, com destaque para a trajetória de dois participantes, cujas produções musicais foram analisadas como processos reflexivos e formativos. A metodologia estruturou-se em três etapas: sensibilização e escuta ativa; construção poética a partir das vivências; e apresentação e gravação das composições autorais. Fundamentado em Tomasello, Freire e Vygotsky, o estudo evidencia o rap como potente ferramenta pedagógica na promoção de letramentos críticos e da expressão juvenil. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal permitiu compreender como a mediação educativa e a criação artística ampliaram capacidades simbólicas, autonomia e autoria, contribuindo para a ressignificação de trajetórias e projetos de vida no contexto socioeducativo.

Palavras-chave:

Rap; música; socioeducação; reintegração social; práticas educativas inclusivas.

Abstract

This article presents an action research study conducted in 2022 with adolescents deprived of liberty at Socio-Educational Service Unit 1 (UASE 1), located in Ananindeua, Pará, and linked to Professor Antônio Carlos Gomes da Costa State Elementary and High School. The experience involved rap workshops with fifteen students, highlighting the trajectories of two participants whose musical productions were analyzed as reflective and formative processes. The methodology was organized into three stages: sensitization and active listening; poetic construction based on lived experiences; and presentation and recording of original compositions. Grounded in the works of Tomasello, Freire, and Vygotsky, the study demonstrates rap as a powerful pedagogical tool for promoting critical literacies and youth expression. The concept of the Zone of Proximal Development supported the understanding of how educational mediation and artistic creation expanded symbolic capacities, autonomy, and authorship, contributing to the re-signification of life trajectories and projects within the socio-educational context.

Keywords:

Rap; music; socio-education; social reintegration; inclusive educational practices.

INTRODUÇÃO

A experiência aqui apresentada foi realizada no ano de 2022, durante um ciclo de oficinas de rap com quinze estudantes em privação de liberdade, matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, localizada no município de Ananindeua, no estado do Pará. Essa unidade escolar funciona dentro das instalações da Unidade de Atendimento Socioeducativo 1 (UASE 1), gerida pela Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (FASEPA), e atende adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação. As oficinas foram desenvolvidas como parte das aulas de Arte e Música, sendo conduzidas pelo professor responsável em articulação com a equipe pedagógica da unidade.

O projeto teve como ponto de partida a escuta das juventudes encarceradas e a criação de espaços que acolhessem suas vozes, experiências e subjetividades. A proposta metodológica esteve fundamentada no tripé: escuta sensível, produção poética e expressão musical. Além da participação coletiva, a pesquisa se aprofundou na trajetória de dois estudantes, Carlos Alexandre e Luan, cujas histórias foram analisadas em maior profundidade, evidenciando seus processos de reflexão e construção de identidade por meio da composição de letras de rap. A escolha desse gênero musical se justifica por sua função social e política como forma de resistência, denúncia e produção cultural oriunda das periferias urbanas.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a proposta se alicerçou em Tomasello (2006), cuja abordagem das oficinas de rap e psicodrama oferece um arcabouço significativo para o desenvolvimento de práticas educativas que valorizem o protagonismo juvenil. Para Tomasello, os jovens:

[...] narram suas experiências de vida e o cotidiano de suas comunidades, promovendo um processo de empatia, identificação e pertencimento entre aqueles que compartilham a mesma realidade:

negação de direitos, exclusão social e econômica, preconceito racial, mas também: afeto, catarse, relações de troca que incluem respeito, empatia, senso de igualdade e pertencimento (Tomasello, 2006, p. 42).

As oficinas foram divididas em três etapas principais: sensibilização com rodas de conversa, por meio de uma escuta de produções artísticas e partilha de experiências de vida; construção poética, momento em que os jovens desenvolveram seus próprios versos a partir das reflexões pessoais e coletivas; e consolidação, incluindo ensaios e gravações das composições. Esses momentos permitiram não apenas o desenvolvimento de habilidades artísticas, mas também a ampliação da autoestima e o fortalecimento de vínculos com a escola e com os pares.

Historicamente, o rap tem raízes profundas nas lutas sociais e nos movimentos culturais da diáspora negra. Originado nos bailes jamaicanos da década de 1960 e posteriormente consolidado nas periferias de Nova Iorque, o rap tornou-se um instrumento de denúncia das desigualdades sociais, da segregação racial e da violência estrutural. Ao aportar no Brasil nos anos 1980, foi ressignificado e enraizado nas periferias urbanas, ganhando força como meio de expressão da juventude negra e pobre das grandes cidades. De acordo com Vieira *et al.* (2020), os principais expoentes do rap nacional passaram a assumir um papel social ativo, denunciando a precariedade da vida nas favelas, os abusos policiais e a exclusão sistemática de amplas parcelas da população.

O rap, ao estabelecer um diálogo direto com as vivências periféricas, possibilita aos jovens reconhecerem e afirmarem suas identidades a partir dos territórios que habitam, das posições sociais que ocupam e de sua condição juvenil. Trata-se de uma linguagem artística atravessada por múltiplos sentidos, que opera como um dispositivo de elaboração simbólica e narrativa, permitindo a construção de sentidos de pertencimento, resistência e valorização da própria existência. No contexto socioeducativo, o rap configura-se como uma mediação entre o espaço institucional e as realidades sociais externas, funcionando como uma ponte

simbólica que conecta o cotidiano da unidade às experiências urbanas e às trajetórias de vida temporariamente interrompidas pela privação de liberdade.

A realidade desses jovens, muitas vezes marcada por violências estruturais, ausência de políticas públicas, desemprego e negação de direitos básicos, contribui para processos de marginalização que os empurram para a informalidade e, em muitos casos, para o sistema de justiça juvenil. De acordo com Tavares e Góes (2019), “um número significativo desses adolescentes, bem antes da internação já vivenciavam processos erráticos de socialização, na escolarização, na vida religiosa, no contato afetivo com a família e com a comunidade”, esses descaminhos, revelam não apenas a intensificação do encarceramento juvenil, mas também a fragilidade das políticas preventivas e de assistência social.

Ainda é comum o discurso que atribui aos adolescentes a responsabilidade total pelos atos infracionais cometidos, desconsiderando os contextos sociais, econômicos e familiares que os atravessam. Essa lógica de culpabilização reforça estigmas e alimenta uma cultura punitivista que negligencia a função educativa e restaurativa das medidas socioeducativas. Segundo o artigo 124 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é direito dos adolescentes privados de liberdade o acesso à educação escolar e às atividades culturais e artísticas (Brasil, 1990). Entretanto, na prática, essas garantias são frequentemente negligenciadas, exigindo a construção de estratégias pedagógicas que possam superar as limitações institucionais e promover processos formativos verdadeiramente humanizadores.

Nesse contexto, o projeto das oficinas de rap aparece como uma experiência contra-hegemônica, pois se propõe a inverter a lógica de silenciamento institucional. Ao promover a escuta ativa e a valorização das produções culturais juvenis, a proposta contribui para a constituição de uma escola que acolhe, que reconhece e que dialoga com a complexidade das juventudes em privação de liberdade.

Como observa Goffman (2017), as instituições totais tendem a apagar as subjetividades de seus internos, mas é justamente por meio da arte e da educação que é possível restituir o sentido de pertencimento e a capacidade de sonhar.

Além disso, a prática educativa aqui descrita está em consonância com os princípios da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), de Vygotsky (2007), ao considerar que os sujeitos, quando inseridos em contextos colaborativos mediados por educadores, podem alcançar níveis mais elevados de desenvolvimento. O papel do educador, neste caso, é o de mediador cultural, facilitador de processos de expressão e construção de sentidos. Ao acessar a linguagem do rap, os estudantes ampliaram seu repertório simbólico e desenvolveram novas formas de compreender e narrar a si mesmos e o mundo ao seu redor.

Por fim, é preciso destacar que a realização das oficinas só foi possível graças ao empenho e à escuta ética de todos os envolvidos: professores, técnicos, gestores e, principalmente, os próprios adolescentes, que, mesmo em condição de encarceramento, se mostraram abertos ao aprendizado, ao diálogo e à criação. A produção musical de Carlos Alexandre e Luan, os dois jovens que protagonizaram a pesquisa, revela não apenas a potência artística de suas vozes, mas também sua coragem em enfrentar e transformar a dor, o silêncio e a exclusão em poesia, ritmo e resistência.

Assim, a questão que orienta este estudo é: de que maneira a produção de rap, enquanto prática artística e pedagógica, pode favorecer processos reflexivos, formativos e de resignificação do projeto de vida entre adolescentes em privação de liberdade?

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi de natureza qualitativa, fundamentada no compromisso ético-político de compreender os sentidos atribuídos pelos adolescentes em privação de liberdade às suas experiências

de vida, por meio da linguagem do rap. Essa abordagem possibilitou a escuta ativa e a análise aprofundada das narrativas juvenis, reconhecendo os sujeitos da pesquisa como autores de suas histórias e protagonistas de seus próprios processos formativos. Como afirma Minayo (2009), a pesquisa qualitativa permite acessar os significados, valores, símbolos e práticas dos sujeitos em seu contexto, favorecendo o entendimento das múltiplas dimensões que constituem suas realidades.

Inspirada na pedagogia do diálogo de Paulo Freire (2011), a proposta metodológica teve como foco a construção de um ambiente de acolhimento, confiança e respeito mútuo, onde os participantes pudessem expressar, por meio da música, suas vivências, dores, resistências e esperanças. Freire defende que o diálogo autêntico entre professor e estudante, quando baseado na escuta e na problematização do mundo vivido, torna-se um poderoso instrumento de conscientização e libertação. Assim, a metodologia aqui descrita não se limitou à transmissão de conteúdos, mas buscou criar condições para que os estudantes pudessem refletir criticamente sobre sua realidade e reinventá-la por meio da arte.

As oficinas foram realizadas em 2022 com os adolescentes Carlos e Luan, matriculados na terceira etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Antônio Carlos Gomes da Costa, localizada na Unidade de Atendimento Socioeducativo 1 (UASE 1), em Ananindeua, Pará.¹ O desenvolvimento das atividades foi viabilizado por meio de um acordo de cooperação técnica entre a Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará (FASEPA) e a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA), o que possibilitou a realização de práticas pedagógicas integradas no interior da unidade.

A metodologia das oficinas foi estruturada em quatro encontros presenciais, ao longo de 15 dias, com frequência de duas vezes por semana e duração média de 90 minutos por sessão. Os critérios para a seleção dos

participantes incluíram a adesão voluntária e a existência de habilidades mínimas de leitura e escrita, essenciais para o desenvolvimento das atividades poético-musicais. As oficinas foram divididas nas seguintes etapas:

(a) *Sensibilização e escuta crítica*: o primeiro encontro foi dedicado à criação de vínculos, por meio de uma dinâmica de acolhimento e rodas de conversa. Apresentou-se uma breve história do rap e da cultura hip-hop, com escuta crítica de músicas e vídeos que retratam realidades similares às vividas pelos participantes. Esta fase visou à ativação de memórias e emoções, preparando o terreno para a expressão subjetiva.

(b) *Contando a minha história*: no segundo encontro, os adolescentes foram convidados a compartilhar suas trajetórias por meio da atividade “Contando a minha história”, que os instigou a refletir sobre suas origens, desafios, afetos e rupturas. A partir dessas falas, iniciaram a construção das letras de rap, transformando suas experiências em poesia.

(c) *Construção e ensaios*: no terceiro encontro, as letras foram revisadas e ensaiadas com base nas batidas instrumentais escolhidas pelos próprios estudantes, disponíveis em plataformas digitais gratuitas. Foram realizados testes de gravação, observando ritmo, entonação e coerência poética.

A coleta de dados se deu por meio de observação participante, registros em diário de campo, produções escritas (letras de rap), áudios das gravações musicais e relatos orais dos estudantes. Esses materiais foram analisados qualitativamente, buscando identificar sentidos, afetos e narrativas de resistência presentes nas falas e criações dos jovens.

A abordagem metodológica também dialoga com os pressupostos de Vygotsky (2007), especialmente com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que compreende o espaço entre o que o sujeito consegue realizar sozinho e aquilo que pode alcançar com a mediação de um outro mais experiente. Nesse sentido, as oficinas de rap funcionaram como um espaço mediado de

aprendizagem, onde, por meio do apoio do educador e do estímulo à criação coletiva, os adolescentes puderam ultrapassar limitações, desenvolver novas habilidades expressivas e ampliar sua consciência crítica.

A produção poética dos estudantes revelou não apenas habilidades linguísticas e criativas, mas também uma profunda capacidade de elaborar criticamente suas vivências, transformando dor e silêncio em arte e denúncia. Essa transformação do vivido em arte está alinhada ao que Souza *et al.* (2018) nomeiam como letramentos de reexistência, práticas que insurgem a exclusão social e ressignificam a linguagem como instrumento de emancipação.

O ambiente criado nas oficinas permitiu que os adolescentes se sentissem seguros para romper com a lógica do silenciamento institucional, construindo vínculos pedagógicos que extrapolam a mera relação de ensino-aprendizagem. Como destaca Zaluar (2014), jovens em contextos de vulnerabilidade social muitas vezes assumem posturas defensivas, marcadas por um “ethos guerreiro”, onde a masculinidade é atravessada por códigos de resistência e enfrentamento. Ao criar um espaço de escuta e criação, foi possível tensionar essas posturas e oferecer alternativas de ressignificação simbólica.

Assim, o método adotado não se limitou a uma sequência de atividades, mas constituiu uma prática pedagógica sensível e comprometida com o protagonismo juvenil, reconhecendo nos adolescentes sujeitos de direitos, portadores de cultura, saberes e potencialidades criativas. Ao final das oficinas, as composições musicais desenvolvidas pelos participantes refletiram não apenas suas trajetórias individuais, mas também o desejo de serem ouvidos e de (re)construírem seus projetos de vida. A metodologia, portanto, reafirma a potência do rap como prática educativa e libertadora no contexto da socioeducação.

DESCRIÇÃO DA PESQUISA E RESULTADOS

Além do produto artístico gerado - a composição de um rap com estrutura que entrelaça ritmo, poesia e posicionamento crítico -, o gênero musical rap revelou-se, ao longo das oficinas, um dispositivo pedagógico fundamental. Mais do que uma manifestação cultural periférica, o rap se mostrou um campo simbólico de disputas, ressignificações e reexistência, permitindo que os jovens se expressassem com autenticidade e reinventassem suas narrativas pessoais. Sua força reside justamente em transformar vivências marginais em linguagem estética potente e socialmente situada. Como destaca Tomasello, o rap é uma “ferramenta poderosa para envolver os jovens em processos educativos, para compreender as realidades dos educandos e desenvolver vínculos” (Tomasello, 2006, p. 42).

Ao serem instigados a narrar suas trajetórias, os adolescentes deixaram de ser apenas objetos de tutela institucional para se tornarem sujeitos de enunciação e escuta, partícipes de um processo educativo horizontal e libertador. As aprendizagens proporcionadas pelas oficinas transcenderam a esfera técnica da produção musical. Elas operaram em um plano mais profundo, no qual os estudantes puderam nomear suas dores, acessar suas memórias e imaginar novos caminhos para além das rotinas de exclusão. O rap se constituiu como uma crônica social em primeira pessoa, onde as fronteiras entre o pessoal e o político se dissolveram. Andrade nos lembra que

As lembranças sociais do passado podem modificar-se, estão sujeitas a interpretações à medida que o momento presente e as condições sociais mudam por meio dos seus sentimentos, das inquietações ou conformismos que permeiam o nosso imaginário. [...] O discurso do rap está impregnado de novas visões sobre esses fenômenos (Andrade, 1999, p. 62).

Essa ressignificação da memória e da identidade foi evidente nas composições dos estudantes Carlos e Luan. No rap *Preto*

pobre precisa de dignidade, Carlos constrói uma denúncia contundente contra o racismo estrutural e a violência institucional que marcaram sua trajetória. Sua letra descreve, com riqueza de detalhes e indignação, a abordagem policial, a prisão arbitrária e o sentimento de injustiça ao ser tratado como suspeito por sua cor e condição social:

Mano, mano, te liga na rima. Tá ligado, meu parceiro, te falar a minha sina.
Vou te falar um papo reto: tava com a mina lá no Bom Sucesso.
Irmão, com ela vareei pro meu setor. E os homens da lei vararam lá.
Mas que horror!
Falei pros 'cara' assim: - Pra vocês não devo nada!
E desse proceder, eu não sei de nada!
Me levaram pra DEPOL e me encheram de porrada.
Neste país, no preto e no pobre só querem dar pancada.
Esta não pode ser a realidade. Preto e pobre também precisam de dignidade.
Me humilharam, me xingaram, me mandaram pro CIAM.
Passei 45 dias e o juiz decretou a internação.
Cheguei na UASE 1 e encontrei outros irmãos, a maioria preto e pobre.
Que situação!
Lá, lá, lá, lá, lá... Preto e pobre precisam de dignidade.
Este país tem que ser um país de verdade (Alexandre, 2022).

A força da letra de Carlos reside na sua denúncia direta e vivenciada, que confronta o ouvinte com a realidade cotidiana da juventude negra e periférica. Ao nomear a dor, ele subverte o silenciamento que marca o sistema socioeducativo e se apropria da palavra como arma de reconstrução simbólica. Nesse sentido, a composição é também uma prática de letramento crítico, conforme defendido por Freire (2011), pois permite ao sujeito compreender a estrutura opressora que o circunda e reposicionar-se diante dela.

Luan, por sua vez, inicia seu rap com um verso que sintetiza a experiência da temporalidade dilatada e angustiante da internação: "Quatro meses na internação, pra mim já faz um ano." A composição narra um episódio de quase morte em uma abordagem policial violenta,

em que ele percebe ter escapado da execução sumária por um acaso – ou, como nomeia, um "livramento". Sua letra combina improviso, memória e crítica:

Agora eu cheguei rimando, improvisando.
Quatro 'mês' na internação, pra mim já fez um ano.
Tava na madrugada, artigo 157.
Chegou os 'cara' encapuzado e me jogou no carro preto.
Aqui o filho chora e a mãe não vê.
Nem pede pelo amor, agora você vai morrer.
Mas foi um livramento o que aconteceu.
Mandou eu correr e a 'glock' não disparou (Paixão, 2022).

A contundência desse relato revela o quanto o cotidiano desses adolescentes é atravessado por experiências-limite, onde a vida está constantemente em risco. Entretanto, ao transpor essas vivências para a linguagem poética, Luan transforma a dor em testemunho, a angústia em potência. Como em um exercício catártico, sua rima é um modo de dar sentido ao trauma, de organizá-lo em palavras, de torná-lo audível – e, portanto, político.

As produções de Carlos e Luan comprovam que o processo artístico-educativo vai além da estética: ele é terapêutico, ético e político. Por meio do rap, eles acessaram camadas profundas de suas subjetividades, confrontaram a realidade que os aprisiona e ensaiaram possibilidades de emancipação simbólica. O campo da arte, como destaca Goffman (2017), pode ser um espaço de reconstrução da identidade estigmatizada, permitindo que sujeitos em instituições totais, como a socioeducativa, reaprendam a narrar a si mesmos fora dos moldes impostos pela exclusão social.

Essas criações também dialogam com o conceito de letramentos de reexistência, proposto por Souza *et al.* (2018), que descreve práticas de linguagem que emergem dos sujeitos socialmente subalternizados e são utilizadas para resistir, reexistir e transformar suas condições de vida. Quando esses jovens escrevem suas letras e as compartilham, não estão apenas compondo uma música, mas ocupando um espaço simbólico e discursivo

que historicamente lhes foi negado.

Nesse sentido, o rap, quando inserido no contexto escolar e socioeducativo, torna-se um campo fértil para a pedagogia da escuta, do reconhecimento e da construção de novos sentidos. As letras produzidas não apenas documentam a realidade – elas a tensionam, a denunciam, a recriam. E, ao fazer isso, abrem brechas no sistema, permitindo que esses jovens deixem de ser apenas números nos relatórios da repressão e passem a ser reconhecidos como autores, artistas e sujeitos históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas de rap proporcionaram a mim e aos estudantes um espaço rico de diálogos e reflexões, culminando nas composições que refletem suas experiências. A importância da atenção, parceria, limites e afetividade tornou-se evidente ao lidar com Luan e Carlos, que estão em uma situação delicada.

Essas oficinas também serviram como um espaço de escuta, acolhimento e compreensão; o rap se transformou em um “antídoto” que aliviava suas angústias. Por intermédio de caneta, papel e *samplers*, o laboratório tornou-se um espaço de presença e, por meio dessa transcendência dos aspectos rotineiros, os adolescentes perceberam que, apesar das privações e sofrimentos, a vida é algo pelo qual vale a pena lutar (Costa, 2001, p. 35). É “de pequenos nada que aquele educando arredo manifesta um desejo de aproximação” (Costa, 2001, p. 35).

A música, enquanto linguagem social, também se configurou como uma oportunidade de descontração e lazer. Durante o processo de composição, testemunhei a formação de espaços de diálogo e troca de experiências, onde risos, silêncios e até lágrimas contribuíram para um processo de resistência aos efeitos da prisão – o que Corrêa (2016) denomina prisionização, que neutraliza as singularidades em um ambiente frio e desprovido de afeto. O rap, assim, se tornou uma fonte de significados e atitudes criativas,

ajudando os estudantes a lidarem com a dor provocada pelo ócio, em um contexto que deveria ser socioeducativo. Quanto a esse rico repertório de vivências versus a privação de liberdade, Aguiar enfatiza que:

As vivências trazidas por esses alunos ganham envergadura e significativa importância quando transcritas no rap. Um grito de liberdade passa a coexistir e a ecoar na ‘gaiola’, mesmo que suprimido por algum tempo a natureza repressiva da unidade socioeducativa que resiste para ser um espaço pedagógico. Por outro lado, além de um espaço pedagógico, o ambiente socioeducativo, está envolvido a um espectro legal, cujo eixo central dessa estrutura é a privação de liberdade (Aguiar, 2023, p. 27).

Dessa forma, compreendo que alcancei os objetivos da oficina: analisei o que a prática do rap pode oferecer aos estudantes, em medida socioeducativa, descrevendo tanto o processo pedagógico quanto o musical. Embora tenham sido feitas aquisições mínimas, para que os estudantes pudessem compor seus raps, todas as produções foram documentadas. Uma descoberta importante, durante os processos de criação e reflexão, foi o estímulo à autonomia. A experiência da composição musical revelou as inúmeras potencialidades existentes na sala de aula: estudantes conscientes de suas vozes, capazes de elaborar pesquisas e encontrar novos caminhos em suas trajetórias.

Este trabalho buscou investigar a relação entre a música, especialmente o rap, e as experiências de jovens, em privação de liberdade. Os objetivos foram alcançados por meio de um processo em três etapas: diálogos iniciais para construção de confiança, criação de letras que refletiram suas realidades e uma apresentação final, que incentivou a reflexão. Os jovens expressaram suas experiências, promovendo empoderamento e autoafirmação, enquanto desenvolveram habilidades artísticas e ampliaram sua consciência crítica sobre questões sociais relevantes. Os referenciais teóricos que balizaram este relato enfatizaram a função

social da arte e a educação musical como ferramentas de construção de identidade. Os resultados indicam que o rap, como meio de expressão, fortaleceu a autoestima dos jovens, evidenciando a importância de práticas educativas inclusivas que valorizem suas vozes e experiências.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Arlindo Alves de. **Rap na Socioeducação: reflexões e vivências musicais com os estudantes da UASE 1 em Ananindeua, Belém. 2023.** Dissertação (Mestrado Profissional em Arte), Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

ANDRADE, Elaine Nunes. Hip hop: Movimento negro juvenil. **Rap e educação. Rap é educação.** São Paulo: Summus, 1999.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 14 set. 2025.

CORREIA, Angélica da Silva. A influência do rap nacional como instrumento contemporâneo de manifestação e ressocialização da população carcerária no sistema prisional gaúcho. **Anais eletrônicos do XIII Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, Santa Cruz do Sul, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15796/3695>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Pedagogia da presença - da solidão ao encontro.** Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; JOVINO, Ione da Silva; MUNIZ, Kassandra da Silva. Letramento de reexistência - um conceito em movimentos negros. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 10, 2018. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/526>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

TAVARES, João Gomes; GOES, Tavares Aderli. Adolescentes privados de liberdade e a "mortificação do eu": formas de ajustamentos e resistência. **Caderno de Textos - I Encontro Nacional Nossa Rede**, 28 a 30 de novembro de 2019, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 93-100, 2019. Disponível em: <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/CADERNO_DE_TEXTOS_.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2025.

TOMASELLO, Fábio. **Oficinas RAP para adolescentes: proposta metodológica de intervenção psicossocial em contexto de privação de liberdade.** Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/14086>>. Acesso em: 15 out. 2023.

VIEIRA, Andréa Lopes da Costa; HIPOLITO, Jéssica Maria Santana Vasconcellos; VIEIRA, José Jairo. Ação afirmativa, memória e reconhecimento: Relações raciais e experiências negras nas narrativas do rap. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v.30, n.1, p. 115-137, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/praiavermelha/article/view/27950>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ZALUAR, Alba. Ethos guerreiro e criminalidade violenta. In: LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli. **Crime, polícia e justiça no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014.

Obras audiovisuais

EMICIDA. Levanta e anda [vídeo]. **YouTube**, 22 de agosto de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GZgnI5OcuH8>>. Acesso em: 5 ago. 2022. Duração: 4min 13s.

RACIONAIS MC'S. Negro Drama [vídeo]. **YouTube**, 27 de outubro de 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZI4s>>. Acesso em: 15 ago. 2022. Duração: 4min 4s.

Documento sonoro

ALEXANDRE, Carlos. **Preto pobre precisa de dignidade**. Ananindeua: Rap autoral produzido no âmbito das oficinas de rap realizadas na Unidade de Atendimento Socioeducativo 1 (UASE 1), 2022. MP3 (2min 39s). Arquivo pessoal do autor.

PAIXÃO, Luan. **Madrugada Cinzenta**. Ananindeua: Rap autoral produzido no âmbito das oficinas de rap realizadas na Unidade de Atendimento Socioeducativo 1 (UASE 1), 2022. MP3 (3min 5s). Arquivo pessoal do autor.

Nota

¹ A pesquisa se desenvolveu em consonância com a Resolução nº 510/2016, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará, sob o parecer nº 5.502.590 (CAAE 58444121.0.0000.0018), com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos adolescentes citados.

SOBRE OS AUTORES

Arlindo Alves de Aguiar Júnior é professor de Arte (Música) na Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA). Graduado em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Música (UEPA). Especialista em Políticas Públicas em Socioeducação e Metodologia do Ensino das Artes (UNINTER). Mestre em Artes (PROFARTES-UFPA) e doutorando em Artes (PPGARTES-UFPA), sob a orientação do Profº Dr. Áureo Déo DeFreitas Júnior. E-mail: alvesjr76@gmail.com

Robson Alves Rodrigues é técnico na Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA). Graduado em Cinema e Audiovisual (UFPA) e em Gestão de Tecnologia da Informação (UNIFAVIP). Especialista em Artes Visuais e Arte e Tecnologia (UNIMINAS). Mestrando em Artes (PPGARTES-UFPA), sob a orientação da Prof.ª Dra. Ana Claudia da Cruz Melo. E-mail: robson.arodrigues@gmail.com

Recebido em: 14/4/2025

Aprovado em: 1/12/2025